

Reativação adia novos incentivos

1 MAR 1982

DALETA MERCANTIL

31 MAR 1982

por Pedro Cafardo
de São Paulo

Passado o primeiro bimestre, o governo começa a convencer-se de que não será necessário acionar qualquer dispositivo artificial para estimular a retomada do nível de atividade econômica. Esta é, pelo menos, a posição transmitida pelo secretário geral da Secretaria do Planejamento (Seplan), José Flávio Pécora, que sexta-feira participou da inauguração do escritório da Superintendência Nacional da Marinha Mercante (Sunnam) em São Paulo (ver página 7).

Pécora disse a este jornal que o governo já identificou inúmeros indícios de reativação na economia e que, pelo menos neste momento, não pensa em detonar o plano especial em estudos na Seplan para dar incentivos fiscais às empresas que aumentarem sua produção e absorção de mão-de-obra acima de certo limite. O próprio ministro Delfim Netto anunciou há cerca de um mês a existência do plano, mas com a ressalva de que ele

só seria posto em prática se houvesse um aprofundamento do processo recessivo. Na ocasião, Delfim disse que a data-limite para uma decisão sobre o assunto seria o carnaval.

Passou o carnaval, e as várias estatísticas disponíveis parecem indicar que não há o aprofundamento da recessão. Ao contrário, as entidades mais ágeis na apuração de dados da conjuntura, como a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), já divulgava números positivos. Ainda na sexta-feira, o diretor do Departamento de Economia e Estatísticas da FIESP, Paulo Francini, informou que o índice de nível de emprego da entidade, apurado junto a sindicatos que representam 620 empresas e 500 mil trabalhadores no Estado de São Paulo, apresentou aumento acumulado de 0,20% nas três primeiras semanas de fevereiro. Desde a segunda semana de janeiro esse índice da FIESP não apresenta variações negativas e, nesse período, já subiu 0,4%.

Paulo Francini não tem ainda informações sobre a

variação do nível de atividade na indústria paulista, mas a relação histórica desse índice com o de emprego indica que a produção global da indústria de São Paulo deve ter aumentado pelo menos 0,8 ou 1%, desde a segunda semana de janeiro. A série histórica levantada por Francini mostra que de 1975 a 1980, enquanto o nível de atividade cresceu 34,5%, o nível de emprego aumentou 18,1%. Grosso modo, portanto, o emprego cresce historicamente a metade da taxa de expansão do nível de atividade, o que leva o empresário a estimar uma retomada de pelo menos 0,8% nas últimas cinco semanas. Essa taxa pode ser ainda maior, porque, devido às altas taxas de ociosidade, em muitas indústrias os reflexos do aumento de produção no emprego não são imediatos.

Se existe, de qualquer forma, a reativação é ainda "ténue". O presidente da Cosipa, Plínio Assmann, usou essa palavra para definir o que se passou no mercado do aço nos dois primeiros meses do ano. A demanda de aço, informou, seguramente aumentou no bimestre, porque os distribuidores, intermediários entre a siderúrgica e as empresas, decidiram repor seus estoques.

Também na indústria automobilística, um dos setores mais afetados pela queda de produção, há expectativa favorável. "Estamos certos de que agora vamos voltar a crescer", disse o presidente da Anfavea, Newton Chiaparini, após comentar os números da produção do primeiro bimestre. Em janeiro, por exemplo, a indústria produziu 24% a menos do que em janeiro de 1981. Chiaparini acha esse número positivo, porque a queda é muito menor do que a queda média do ano passado, de 41%, considerado o mercado interno.

Claramente, o governo não se preocupa nem mesmo com a possibilidade de que as altas taxas de juros possam impedir a retomada do crescimento. Flávio Pécora repetiu insistente mente, sexta-feira, que "os juros cairão quando a inflação cair", para desconsolo do presidente da FIESP, Luiz Eulálio de Bueno Vidal Filho, que, ao lado, abria ligeiramente os braços, balançava a cabeça e apertava os lábios.